



Tânia Cristina Giachetti
Ministério Seara Ágape

<https://www.searaagape.com.br/livrosevangelicosonline.html>

Detentores do poder



Ministério Seara Ágape
Ensino Bíblico Evangélico

Tânia Cristina Giachetti
São Paulo – SP – Brasil – 2008

Agradeço ao Senhor que, através do Seu Espírito, tem me dado forças para resistir às tentações, destronando os falsos deuses da minha vida e colocando-o acima de todos eles. A Ele ergo o verdadeiro altar no meu coração. Agradeço ao Senhor, que tem me moldado para enfrentar os poderosos deste mundo dando-me a segurança na força e no poder da Sua palavra.

Dedico este livro aos que se acham fracos e impotentes diante dos seus inimigos e que precisam conhecer as cadeias em que acham presos, a fim de encontrar a verdadeira libertação em Cristo.

“Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim. Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida. Eu não aceito a glória que vem dos homens; sei, entretanto, que não tendes em vós o amor de Deus. Eu vim em nome de meu Pai, e não me recebeis; se outro vier em seu próprio nome, certamente, o receberéis. Como podeis crer, vós os que aceitais glória uns dos outros e, contudo, não procurais a glória que vem do Deus único?” (Jo 5: 39-44)

Introdução

Pare por um instante e atente para sua vida. Você se sente livre, realmente? Observe sua família, seus relacionamentos... São prazerosos, agradáveis, cheios de troca, edificação e reciprocidade? Como vai sua profissão? Você está satisfeito com ela? Você faz o que gosta? Sente-se recompensado e honrado no seu trabalho? Recebe elogios pelo que faz ou vive lutando para provar seu potencial? Agora chegamos a um assunto delicado: como vai seu relacionamento com Deus? Você, simplesmente, sabe que Ele existe e que é bom e que quer o seu bem, mas o ‘deixa em paz’, sem ‘incomodá-lo’ por qualquer coisa? Ou você tem um relacionamento pessoal de amigo para amigo, de pai para filho, conversando com Ele todos os dias e desejando que Ele participe da sua vida e das suas escolhas?

Hoje, nós vamos conversar sobre os cinco principais deuses que mais ocupam a vida das pessoas atualmente. Na verdade, não são entidades espirituais como conhecemos diversas por aí, e sim hábitos gerados e assumidos pela nossa própria carne, já automáticos ou inconscientes, mas que ocupam o lugar do Deus verdadeiro, impedindo o Espírito Santo de fluir na Sua plenitude.

Em Êx 20: 2-3, o Senhor diz a Moisés para comunicar aos israelitas os Dez Mandamentos, dos quais o primeiro é: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de mim”.

Deus deixou bem claro aqui que Ele é que tinha tirado o povo das mãos de Faraó, mostrando o Seu poder acima de todos os deuses do Egito. Por isso, estava expressando Sua vontade de querer ser adorado incondicionalmente acima de qualquer outro deus.

Nós, como cristãos, não mais adoramos outras entidades espirituais. Entretanto, podemos manter arraigadas dentro de nós outras idolatrias que assumimos e admitimos serem apenas hábitos, fraquezas de caráter, costumes familiares ou gostos pessoais, mas, na verdade, são comportamentos mundanos da humanidade em geral, deuses que precisam ser destronados para podermos caminhar na liberdade do Espírito Santo. Tudo aquilo que nos prende e não nos deixa seguir a vontade de Deus é um ídolo. Até certos hábitos como novelas, sexo, revistas, excesso de cuidado com a casa, com o carro ou com os familiares, cuidado excessivo com o trabalho (profissão), com a aparência e com o vestuário, vaidade de estar sempre bem informado a respeito de tudo o que acontece para ter o que conversar com as pessoas, estar sempre aparentando equilíbrio e bem-estar para dizer que não há nada de errado conosco, ser sempre bem sucedido na profissão e até no ministério só para dizer que somos capaz de tudo são exemplos de idolatrias que podem estar na nossa vida de maneira clara ou camuflada, porém, se colocam no lugar de Deus e nos impedem de estar 100% na Sua presença.

Assim, os cinco principais ídolos que a maioria das pessoas está colocando antes de Deus são: dinheiro, prazer, poder, fama e conhecimento. E por trás de todos eles, como um instigador que estimula e fomenta todos eles estão as redes sociais e o marketing digital, a febre do momento que contamina terrivelmente a vida das pessoas e afronta o próprio Deus, no sentido de estimular Seu próprio povo a usar de maneira indevida esses recursos para pregar Sua palavra. A fama, a ansiedade e a pressão por vendas e o poder da inteligência artificial estão sutilmente roubando a fé e o raciocínio das pessoas, como uma estratégia suja desse sistema mundial anticristão. Mensagens curtas das redes sociais, escritas ou em vídeo, não preenchem o vazio nem edificam a alma, e ainda trazem junto o espírito de consumismo e competição, a comparação e uma falsa aparência de sucesso; conseqüentemente, destruindo a auto-estima e a personalidade dos mais jovens e mais fracos na fé.

O que se vê é a fofoca da vida alheia, ao invés do auto crescimento e do auto desenvolvimento espiritual. E a pressão do marketing digital, da informatização alucinada e do dinheiro se torna insuportável, forçando o ser humano até a corromper seus valores morais. Quem tem comunhão com o Espírito Santo consegue perceber isso.

O primeiro deus de que vamos falar é o dinheiro. A pessoa pode ser rica ou pobre, desejar a riqueza ou até se contentar com o que tem, porém, muitas vezes o espírito de miséria ou avareza que a domina tira sua alma da necessidade de buscar a Deus de maneira mais profunda. Isso a faz agir de maneira possessiva ou ciumenta com aquilo que é dela e não deixa as verdades espirituais acerca da prosperidade de Deus penetrar no seu coração. Ela dá externamente, até para mostrar aos outros, mas, internamente, seu coração continua avarento e mesquinho. Ela começa a medir as pessoas que estão ao seu redor pelo lucro ou prejuízo que podem lhe dar. Faz cálculos aritméticos em todas as situações e deixa de crer na provisão inesperada de Deus. Não consegue emprestar nada do que é seu por ciúme daquilo estar sendo usado e gasto. Vive debaixo de ansiedade e sofre por antecipação se houver a possibilidade de surgir uma despesa extra. Vai à igreja e dá o dízimo por obrigação, quando dá, pois fica imaginando o que o pastor vai fazer com o dinheiro dela. É incapaz de semear na obra de Deus usando qualquer filho Seu, porque “ele não faz nada mais do que a obrigação!” Priva-se de momentos de alegria e comunhão na companhia de quem quer que seja porque vai gastar dinheiro. Guarda em casa coisas quebradas ou que não usa mais. Vive na miséria a vida inteira para economizar para a velhice ou para a descendência (não há nada de errado nisso, pensar na velhice ou nos filhos, a menos que isso se torne doentio). Neste tópico, não entra apenas a miséria ou a avareza, mas também a ganância e a avidez de ter mais e mais dinheiro, para comprar e consumir o que a pessoa nem precisa. E o que estimula e sustenta isso é a doença maligna da propaganda e da estratégia agressiva de marketing, que invade os limites, até onde não tem direito de entrar. Esses e outros exemplos podem ser encontrados quando o dinheiro passa a ser um Deus.

Outro ídolo é o prazer, que muitas vezes impede a pessoa de procurar a presença do Senhor porque ‘dá trabalho’, ‘vai levar muito tempo’, ‘exige sacrifício, disciplina e entrega’ ou porque ‘dói.’ A pessoa vive pelas coisas que lhe agradam e só faz o que gosta e o que quer e, é claro, nada do que faz tem afinidade com as coisas de Deus, só com as do mundo. É o caso daquela pessoa que não tem compromisso com nada nem com ninguém que possa solicitar cuidados ou uma parcela do seu tempo porque isso acarretaria certo fardo e para ela a vida é sempre ‘light’, gostosa e prazerosa, sem problema algum. É capaz de se ligar emocionalmente a quem não presta ou que não é da vontade de Deus porque dá prazer estar com essa pessoa, mesmo que ela roube o seu tempo de oração ou de comunhão com Ele.

O terceiro tipo de deus que precisa ser destronado é o poder, que transforma a pessoa que o detém num verdadeiro ditador ou manipulador, se aquele não estiver nas mãos de Deus. Ela passa a usá-lo para corromper, abusar e desencaminhar a vida de outras pessoas e até a dela própria. Não sabe colocá-lo nem exercê-lo em amor para o bem do próximo. A palavra de Deus diz que Jesus veio para destruir as obras do diabo (1 Jo 3: 8) e Ele usou o poder que o Pai lhe concedeu para realizar isso. Na bíblia, a palavra ‘poder’ tem três significados em grego: em primeiro e segundo lugar, exsousia (autoridade – Jo 1: 12) e dunamis (poder para realizar milagres – Lc 24: 49) e isso nos é concedido pelo Espírito Santo. Entretanto, existe uma condição primordial para que isso seja exercido, que é o amor, como está escrito em 1 Co 13: 1-13. Sem o amor de Deus, não conseguimos exercer Seu poder na terra para o bem do Seu povo. O poder do mundo corrompe, mas o poder de Deus nos dá capacidade para realizar aqui tudo o que Ele realizou. Não adianta pedirmos poder a Deus, sem antes pedir Seu amor (Ágape) e

Sua sabedoria para exercer esse poder. O poder que aqui está mencionado é uma força direcionada a um determinado alvo para exercer autoridade divina ou realizar um trabalho específico como cura, libertação, milagres, liberação de potenciais e dons espirituais. Existe uma terceira palavra grega, usada mais raramente (apenas 9 vezes no NT), que é *kratos* (κράτος – Strong #g2904), e que significa: grande vigor, glória, domínio, poder, força, posse geralmente sobre algo físico, material, como uma terra arrendada, herdade (Lc 1: 51; At 19: 20; Cl 1: 11; 1 Tm 6: 16; Hb 2: 14; 1 Pe 4: 11; 1 Pe 5: 11; Jd 1: 25; Ap 1: 6).

O quarto deus que precisa cair é a fama. O desejo de ser visto, reconhecido e honrado é inato no ser humano e até é bom para manter sua auto-estima, mas quando esse desejo passa a ser desmedido ou egocêntrico, ocupando ou tirando o lugar dos outros, deve ser reavaliado e tratado. O trabalho para Deus é geralmente feito em paz, de maneira mansa, humilde e silenciosa, sem alarde, sem competição e sem a fama que o mundo impõe sobre nós, sem a sua ajuda para manifestar nossa adoração. Não precisamos fazer o trabalho do Senhor debaixo de luzes ou holofotes, entretanto, quando Sua luz começa a brilhar em nós, é claro que seremos vistos. Por isso, devemos pedir sempre a humildade e a sabedoria divina para lidar com o que Ele nos dá para que a glória seja apenas dEle e não nossa, porém, jamais devemos deixar de mostrar nossa autoridade e nossa identidade de filhos e servos do Altíssimo. Foi o Senhor mesmo que disse que nos colocaria por cabeça, não por cauda. Podemos ver nos evangelhos que Jesus, principalmente no início do Seu ministério, procurava não ser visto e até pedia para aqueles que Ele curava para não dizerem nada a ninguém, pois ainda não era chegada Sua hora de aparecer publicamente e chamar a atenção das autoridades judaicas ou romanas. Porém, no decorrer do Seu ministério, podemos ver que Sua fama correu pelas cidades porque a luz que havia nEle era visível. Foi Ele mesmo que nos disse que nós somos a luz do mundo e que as nossas boas obras precisam ser vistas para que os outros glorifiquem o Pai que está no céu. Precisamos ter em mente que os impossíveis que realizamos vêm dEle apenas, não de nós. Nós até podemos ter vontade de curar as pessoas ou ressuscitar mortos, mas nada em nós tem poder para isso. Só quando Ele se manifesta com unção sobre nossa vida é que podemos realizar essas coisas. Por isso, a fama que o cristão deve buscar é a fama para o reino de Deus. Como dizia João Batista: “Convém que eu diminua para que Ele cresça”.

O último deus a ser derrotado é o conhecimento. Não adianta nada termos conhecimento em todos os assuntos, se isso for apenas para alimentar nosso ego e nossa vaidade ou para humilhar as pessoas. Nenhum conhecimento que o Senhor nos dá é para nada ou por objetivos egoístas. Pelo contrário, os conhecimentos que o Senhor nos dá são ‘talentos’ a serem multiplicados para ajudar os irmãos e fazê-los felizes e conscientes da capacidade divina que já está colocada dentro deles. Os conhecimentos que Ele nos dá são para ajudarmos os outros a tomarem posse do reino de Deus e de suas bênçãos. Tudo o que o Senhor nos dá gera responsabilidade, portanto, não devemos buscar o conhecimento para estarmos acima de ninguém ou para competir, e sim para darmos a Ele, multiplicado, aquilo que Ele colocou em nossas mãos. Como tudo o que Ele nos dá, devemos colocar também o conhecimento em Suas mãos para que Ele mesmo nos ajude a usá-lo com discernimento e sabedoria. Devemos pedir que Ele só nos dê aquilo que possamos suportar e administrar, senão nos desviaremos por um caminho de morte (Pv 30: 7-9, por exemplo: “Duas coisas te peço; não mas negues, antes que eu morra: afasta de mim a falsidade e a mentira; não me dês nem a pobreza nem a riqueza; dá-me o pão que me for necessário; para não suceder que, estando eu farto, te negue e diga: Quem é o Senhor? Ou que, empobrecido, venha a furtar e profane o nome de Deus”). Todo o conhecimento que temos, nossos diplomas e méritos

profissionais foram permitidos por Ele; não foi pela nossa própria força que os conquistamos. Ele nos permitiu tê-los. E aqui eu falo de novo nessa estratégia maligna e sutil de Satanás usando a mídia, em especial a internet com suas redes sociais e marketing, onde o conhecimento mundano, tecnológico e empresarial, se tornou imprescritível para se ter sucesso, para se alcançar a fama e fazer as pessoas sentirem novos prazeres.

Este livro é uma alegoria que nos levará a vivenciar o que foi explicado acima, ou seja, cada personagem será um exemplo de como as coisas acontecem. Usaremos alguns animais como símbolos desses deuses, assim como símbolo daqueles que se deixam escravizar por eles.

Aqui, vamos encontrar uma revelação interessante, então, que é o significado psicológico da Antiguidade em relação aos animais. Podemos nos lembrar das permissões e proibições de Deus sobre comer ou não comer alguns deles. Embora o Senhor tenha visado, sobretudo, ao objetivo cerimonial deles, isto é, o seu uso na adoração real e não idólatra a Ele, os judeus da Antiguidade viam os animais como símbolo de pecado ou virtude. Assim, achavam que, se comessem alguns deles, suas qualidades viriam para dentro do seu espírito. Crendice ou não, ainda hoje nós olhamos para certos animais e sentimos algo no nosso interior que nos agrada ou nos traz repulsa. É a expressão do que eles nos transmitem, psicologicamente falando.

Descrivendo os nossos personagens, o deus do dinheiro vai ser personificado no rato. Biblicamente falando, rato significa a peste, a doença e o roubo. É um animal que entesoura. Ele pega às escondidas e leva para sua toca, onde pode comer em segurança, sem os predadores. Representa aqui a avareza, o roubo, a miséria, o ciúme, o caráter possessivo, a manipulação e todas as deformidades de caráter que surgem quando o dinheiro passa a ser um deus. Como seu assessor pessoal, vamos usar uma ave de rapina (no caso, o gavião), pois elas costumam se alimentar de carniça (cadáver), o que por si só já era proibido por Deus e tornava a pessoa impura, pois trazia o pecado e, conseqüentemente, a morte para dentro de si. Uma ave de rapina é símbolo de quem vive da desgraça alheia, da morte, do pecado, do roubo e da extorsão. Tudo isso está, logicamente, ligado ao dinheiro, ou melhor, ao mau uso dele.

O deus do prazer vai ser simbolizado pelo macaco, pois é uma figura de alegria, risadas, piadas, palhaçada, zombaria e irreverência. Seu assessor pessoal vai ser a serpente, símbolo de traição e sedução. Muitas vezes, para conseguir prazer, uma pessoa pode trair a confiança de alguém ou usar de sedução para atingir seu alvo.

O deus do poder vai ser representado pelo leão, símbolo de realeza, poder, autoridade, liderança, força, ação de poderes espirituais sobre nós. No nosso caso em especial, vamos mostrar como esse poder pode ser mal utilizado, se seu possuidor não estiver a serviço de Deus. Seu assessor vai ser o camaleão. Ele tem a característica de mudar de cor para se camuflar e se esconder dos predadores. Como estratégia da cadeia ecológica, essa qualidade é boa para o animal porque foi dada pelo próprio Criador para sua defesa. Entretanto, para nós não é uma virtude, pois mostra a nossa inconstância e falta de coragem em mostrar quem nós somos e enfrentar o inimigo 'cara a cara'. Camaleão simboliza dissimulação, fingimento, inconstância, instabilidade, pouca confiabilidade, covardia, camuflagem de acordo com o que é conveniente.

O deus da fama vai ser personificado pelo pavão. Está mais do que óbvia a correlação entre o animal e a característica que estamos descrevendo. Ele simboliza vaidade, presunção, arrogância e esnobismo. Como seu assessor, vamos usar o elefante, pois para atingir a fama e o sucesso, pisa-se em alguém, passa-se por cima das regras sem a menor sutileza ou respeito por quem está embaixo.

O último deus de que vamos falar é o conhecimento ou a sabedoria (humana, bem entendido), aqui representado pela coruja. Embora para certas pessoas pareça ser um animal agourento, para os gregos ela é símbolo de sabedoria. A coruja vê com mais nitidez à noite, na penumbra, do que durante o dia, pois seus hábitos são noturnos e seus olhos estão mais preparados para a adaptação à baixa luminosidade. Ataca outros pássaros, gafanhotos, grilos, ratos e camundongos. Vive da caça. Seus maiores inimigos são: gaviões, cobras e ratos do mato. Ela tem olhos na frente do rosto como os humanos, com um campo visual de cento e dez graus. Por não ter a visão lateral como as demais aves, quando ela quer ver em outras direções tem que girar seu pescoço, o que pode fazer num ângulo de duzentos e setenta graus. Seus ouvidos são muito desenvolvidos e pode escutar alguns ruídos por dezenas de metros. Como o morcego, a coruja simboliza tudo o que inverte a luz e as trevas, pois o morcego, além de viver de ‘cabeça para baixo’, dorme durante o dia e acorda à noite. É como se a sabedoria e o conhecimento humano fossem inversamente proporcionais aos de Deus, pois pode haver distorção para benefício próprio. O que é luz se transforma em trevas e vice-versa. Seu assessor pessoal vai ser a raposa, símbolo de experiência, astúcia, sagacidade, perspicácia, sutileza de espírito e malícia; coisas que podem muito bem influenciar o uso dos conhecimentos e da sabedoria que temos. Jesus chamou Herodes de raposa (Lc 13: 31-32), pois conhecia suas intenções em relação a Ele. A raposa é da mesma família do cão e do chacal e come frutas e outros vegetais, incluindo uvas. As raposas e as raposinhas costumam cavoucar ao redor das videiras em flor (Ct 2: 15); neste texto de Cânticos, isso significa coisas pequenas e insignificantes que podem infiltrar-se num belo relacionamento conjugal, corroendo-o até que a videira do amor caia arruinada. As raposas precisam ser apanhadas antes de provocarem danos graves. No relacionamento entre Deus e Sua noiva ocorre a mesma coisa, quando as obras da carne, que parecem insignificantes, de repente se tornam uma triste rotina, minando o amor e destruindo tudo o que demorou tanto tempo para ser construído. Por isso, devemos estar alertas para permanecer com o fogo do Espírito aceso, nos incentivando a buscar a presença do Senhor todos os dias e a cuidar desse relacionamento amoroso como se cuida do cônjuge. Influenciando a sabedoria e o conhecimento, é isso que as raposas (a astúcia) fazem com todos aqueles que não vigiam corretamente seus pertences (a verdade de Deus) ou não dão o valor devido a eles. Elas vêm e levam o que lhes é precioso, além do que cavoucam ao redor do que estava plantado, destruindo a possibilidade de renascer a plantação. Os frutos tão esperados não vingam, a esperança morre, a fé em Deus murcha, o amor com que a obra foi feita desaparece e nada mais tem sentido. Assim, se instala a destruição. Dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano de tentativas e fracassos deixam aquelas vidas marcadas e elas não podem mais esperar por nada de bom. A chama do Espírito se apaga dos seus corações.

Continuando a descrever os nossos personagens, vamos mencionar os ‘escravos’ desses ‘poderosos’. Por exemplo:

- a toupeira: é um mamífero insetívoro, que vive sob a terra, minando-a. Representa uma pessoa de olhos pequenos (visão pequena) e que vivem piscando; estúpida e muito curta de inteligência.
- asno (burro): algo empacado, que não quer mudar e não tem muito raciocínio.
- galinha: cisca e joga os resíduos para trás. Significa uma pessoa sem alvos elevados, que se importa apenas coisas mundanas. Vive de milho e quirela (o milho triturado que é dado aos pintinhos), ou seja, se contenta com o miúdo, somente. Seu cacarejo é como um mexerico de pessoas fúteis.

- pintinhos: geralmente, andam sempre em bando. São do tipo ‘Maria vai com as outras’, pois não têm força em estarem sós; apenas com o apoio do grupo. Precisam de uma ‘asa de proteção’ à sua volta. Transmitem insegurança, fragilidade.
- peixes: nesse contexto, são animais que vivem para servir de alimento a outrem ou para serem colocados num aquário, onde não têm utilidade prática nenhuma, a não ser embelezar o ambiente. Por isso, também podem simbolizar algo sem futuro, com uma vida limitada.
- pomba: símbolo da paz e, às vezes, da passividade diante de certas situações. Seu canto (arrulhar) não é um canto propriamente dito; parece mais com uma murmuração constante, um gemido desnecessário e que apenas incomoda. Pombas sujam bastante o lugar em que pousam e podem até ser transmissoras de doenças.
- ovelhas e cordeiros: eles representam a docilidade, a entrega, o sacrifício. A ovelha, assim como os cordeiros, seus filhotes, necessitam ser dirigidos. Não enxergam mais do que oito ou dez metros, não podem beber água enquanto o estômago estiver com relva não digerida e não sabem nadar; na verdade, têm medo, pois a água encharcaria a lã e elas afundariam. São o símbolo das pessoas dóceis, amorosas, dispostas à entrega e à qualquer sacrifício, mas bobas e impotentes. As ovelhas, muitas vezes, são apanhadas por lobos por não ter agilidade suficiente nem capacidade de autodefesa.
- formiga: animal trabalhador incansável, com inteligência para conhecer o que precisa fazer em grupo, sem que haja uma competição no meio da colônia. Em outras palavras: conhece sua posição no meio da sociedade em que vive. Sabe se defender, se for preciso, e constrói sua casa subterrânea bem maior do que se possa pensar externamente. São obreiras, soldados etc. Pode carregar um peso excessivamente maior do que o seu tamanho. Armazena no verão para ter o que comer no inverno; mesmo assim, continua trabalhando durante essa estação. Simboliza pessoas trabalhadoras, que respeitam os outros, sabem viver em comunidade, mas, infelizmente, podem ser exploradas pelas mais espertas e passam a carregar fardos maiores do que o necessário.
- abelha: insetos que também vivem em comunidade, com a qual se preocupam. Conhecem o que é hierarquia e trabalho. Produzem própolis, geléia real e mel, que significam amor, doçura e cura de alma. Embora tenham capacidade de se defender, infelizmente o que produzem é roubado por outros animais mais fortes e poderosos, como o urso, por exemplo. Simbolizam pessoas amorosas, trabalhadoras, que se preocupam com o próximo, querem encher vidas com amor e doçura para reerguê-las das suas angústias, porém, correm o risco de perder o que produziram por causa do uso da força bruta de alguns. Necessitam do apoio do grupo para poderem sobreviver. Sem a aceitação coletiva e a comunhão com a colméia elas não têm como sobreviver.
- esquilo: trabalha para um tempo futuro. Passa o outono armazenando avelãs, nozes e castanhas que esconde em muitos lugares, em geral nas árvores. Não hiberna completamente no inverno. Costuma viver em árvores altas de bosques secos. Seu ninho, ele o faz o mais alto possível, em buracos de árvores ou numa forquilha de galhos. Sabe esconder e proteger seu patrimônio para o tempo propício. Infelizmente, é um animal que pode entrar em processo de extinção pelo desmatamento desenfreado, pois perde seu habitat natural. É o caso de pessoas que constroem sua vida de maneira aparentemente estável, mas, de repente, pela ganância e pela cobiça dos poderosos, perdem tudo o que demorou tantos anos para ser armazenado. Perdem suas casas e sua maneira natural de viver em prol do progresso e da modernização incansável da civilização.
- gatos: animais domésticos que recebem um tratamento especial, na maioria das vezes. Silenciosos, manhosos, interesseiros, não se vinculam tanto ao dono quanto ao ambiente confortável em que moram. Os que moram em casa têm mais liberdade do que os que

moram em apartamento, podendo ter uma vida mais noturna, como é da sua natureza. Simbolizam pessoas que querem apenas o superficial da vida, sempre mimadas e bem-tratadas, tendo total liberdade para fazer o que querem e sem vínculos mais fortes de dependência com ninguém. O conforto é o mais importante para elas.

- cães: animais domésticos que, assim como os gatos, recebem um cuidado especial dos seus donos, participando muitas vezes de todas as atividades de sua vida. São mais apegados e mais fiéis a eles do que os gatos. Gostam de atenção, de carinho, de lazer e sentem ciúmes de quem gostam, fazendo o que for possível para defendê-los. Simbolizam o tipo de pessoa que deseja ter amigos, de ser cuidado, de participar de atividades sociais, de ter lazer e, às vezes, ciumenta daquele que lhe dedica afeto. Sua lealdade às pessoas, até para ter um retorno emocional para suas carências mal-supridas, pode colocá-la em enrascadas e a fazer o que não quer.

Finalmente, chegamos ao nosso ‘herói’, a águia, que trará uma solução para a escravidão daquele povo. A águia simboliza a espiritualidade, a renovação, a majestade, a capacidade de ver longe e ser livre. Ela sabe ‘subir’ quando é necessário, para ficar acima das coisas pequenas. Esse personagem, contará sobre seu processo de renovação ao longo da narrativa.

Quando pedi direção ao Senhor sobre como desenvolver a alegoria, Ele me falou em Jr 34: 8-22, quando Deus fala com o profeta sobre o rei Zedequias, que resolveu dar a liberdade aos servos quando eles estavam sob ameaça de invasão babilônica, mas quando o inimigo se retirou temporariamente, o rei voltou atrás em sua decisão de libertar os escravos que haviam no reino. Por isso, o Senhor entregaria o rei, os nobres e os sacerdotes nas mãos de Nabucodonosor.

Assim, o nosso cenário vai ser um reino onde o rei decide ser benevolente com o povo, mas por causa dos maus conselhos e de interesses políticos dos governadores das províncias ao redor, decide voltar atrás e fazer o povo retornar à escravidão. A mistura de regime de governo (monarquia e república) foi proposital para dar mais humor à narrativa. A moeda do reino será chamada ‘Leais’ por causa da rima com ‘Reais’. Enquanto a história se desenrola, mostrando o jogo de interesses e a ação dos ‘deuses poderosos’, o Criador já tem um destino traçado para eles, assim como para livrar Seu povo das cadeias da servidão. Os escravos passam a conhecer a verdade e se libertam da opressão. Use seu senso de humor para ler o livro.

Espero que o Espírito Santo o acompanhe nesta leitura e ministre à sua vida as verdades do Pai para que você possa estar ciente das suas próprias fraquezas e permanecer alerta às distrações e às tentações que o cercam. De posse da verdade, que você tenha a autoridade sobre o mal e o domínio sobre sua carne, encontrando o caminho para as alturas em que o Senhor deseja colocá-lo. A paz do Senhor!

Tânia Cristina

Notas:

- As palavras ou frases colocadas entre colchetes [] ou parêntesis (), em itálico, foram colocadas por mim, na maior parte das vezes, para explicar o texto bíblico, embora alguns versículos já as contenham [não estão em itálico].
- A versão evangélica aqui utilizada é a ‘Revista e Atualizada’ de João Ferreira de Almeida, 2ª ed., Sociedade Bíblica do Brasil.
- NVI = Nova Versão Internacional (será usada entre colchetes em alguns versículos para facilitar o entendimento dos leitores).

1

Reunião de cúpula



Ele estava pensando: *“Hum! Que tédio! O que um rei tem a fazer nessas horas em que a sua popularidade parece estar indo por água abaixo?”*

O rei estava cabisbaixo naquele momento. Nada parecia fazer sentido. Ele, o rei dos animais, autoridade suprema naquele reino se sentia impotente. De repente, se lembrou de algo:

“Em que ano estamos? Pensando bem, é o sétimo ano do meu reinado e a lei da terra ordena que sejam libertos os servos. Hum... Já sei o que posso fazer para ganhar o apoio dos súditos e conseguir uma reeleição. Afinal, preciso pensar na minha próxima candidatura. Vou emitir, agora, um decreto libertando os servos das suas funções e deixando-os livres para seguirem suas vidas. Sim! É isso mesmo!”



Ele saiu correndo até a sala do trono e emitiu o decreto. Em poucos minutos, todos já estavam sabendo das notícias e se alegraram.

— Wilbert! Onde você está?

— Estou aqui, Majestade. O que fez? Que insensatez foi essa? Vossa Majestade não sabe que, agora, gerou outro problema maior?



— O que quer dizer?

— Essa alforria vai acarretar uma polêmica pelo reino, em relação aos governadores das províncias, já pensou? Estou falando do movimento dos ‘sem terra’. Agora que já não são mais escravos vão exigir uma parcela dos loteamentos para

poderem morar e sobreviver. Aiiii! Se Vossa Majestade tivesse me consultado antes! Olhe só o e-mail enviado pelos outros políticos...

— E daí?!

— Como assim?! Vossa Majestade precisa pensar nas coligações para a próxima candidatura. Por favor, mude de estratégia. Com um jeitinho tudo se resolve.

— Mas eu não concordo com a escravidão.

— Eu sei, mas é melhor o acordo e a união entre os poderosos do que satisfazer a plebe. Aliás, o governador da Província do Dinheiro lhe mandou um presentinho. Pediu para Vossa Majestade não se importar com a quantia; é só uma lembrancinha...

— Deixe-me ver. Ei, Wilbert, o que está acontecendo com você? Está passando mal? Sua cor mudou rapidamente para o amarelo assim que você sorriu. Sim, estava próximo do marrom, não estava? Dê-me a caixa com o presente. Hum!... O que é isso? O que significa isso, Wilbert?

— São quinhentos milhões de Leais, majestade. Já pensou no que poderíamos fazer com isso? Tenho muitas sugestões interessantes. Aliás, minha mulher sempre quis conhecer as ilhas...

— Chega! Não quero ouvir mais nada. Pensando melhor... Já que o presente é meu, deixe-me desfrutá-lo. Pare de mudar de cor, Wilbert; você me deixa tonto. Já está verde, agora... Que nojo! Vá, suma daqui e convoque uma reunião de cúpula com os quatro governadores. O mais breve possível; ainda hoje.

Pobre rei! Será que haveria uma luta tão grande sempre entre o seu espírito e a sua alma? O espírito gostaria de fazer algo, mas a carne... *“Ah! Que cor maravilhosa! Que cheiro gostoso de cédulas frescas! É como grama recém-cortada... Acho melhor me vestir adequadamente, afinal, os poderosos vêm aí”*.



Eles chegaram e Wilbert, o primeiro-ministro, começou a anunciá-los ao rei:

— Sir Mouse Money, governador da Província do Dinheiro, e seu assessor pessoal, Sir A. Rapina.

— Prazer em vê-lo, Majestade!

— O prazer é todo meu.



— Sir Empavonado Fame, da Província da Fama, e seu assessor pessoal, Sir Elephant Light.

— Majestade!



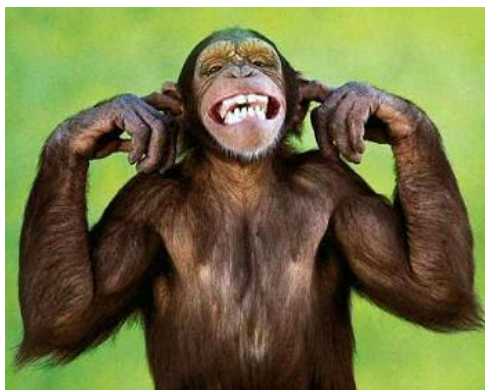
— Sir Sapienza e seus dois assessores pessoais, Sir Astute e Sir Sagaz, da Província do Conhecimento.

— Sejam bem-vindos.



— Sir Monkey Pleasure e sua assessora pessoal Miss Seduction, da Província do Prazer.

— Que belas vestes, Majestade! Muito apropriadas à ocasião, por sinal.



— Como todos sabem, aqui está Sua Majestade, o rei Lion Power, do Reino do Poder.

— Obrigado, Wilbert! Vamos nos sentar, cavalheiros. Temos uma reunião muito importante, talvez longa, sobre o assunto que já é do conhecimento geral. Perdoem-me pela precipitação. Estou voltando atrás no decreto e garanto-lhes que já foi revogado. Aliás, antes que eu me esqueça, Sir Mouse Money, muito obrigado pela pequena lembrança.

— Não há de quê! Caso seja necessária uma complementação... Quem sabe, com o andamento da reunião!...

— Em primeiro lugar, Wilbert, anote quais os súditos que estão debaixo da jurisdição destes senhores.

— Bom, Majestade! Primeiramente, debaixo da vossa jurisdição, os súditos do Reino do Poder:



— Debaixo da jurisdição de Sir Mouse Money, da Província do Dinheiro, estão os súditos:



— Debaixo da jurisdição de Sir Empavonado Fame, da Província da Fama, estão os súditos:

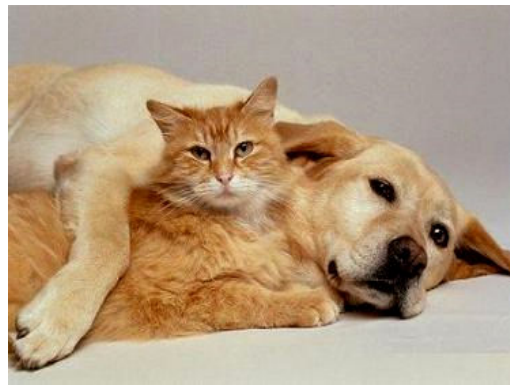


— Debaixo da jurisdição de Sir Sapienza, da Província do Conhecimento, estão os súditos:



— Finalmente, debaixo da jurisdição de Sir Monkey Pleasure, da Província do Prazer, estão os súditos:





— Permitam-me, Sir Monkey Pleasure e Miss Seduction! Como se explica a superpopulação de servos nesta a província?

— Sabe como é, Majestade! Uma palavrinha aqui, outra ali, um prazerzinho aqui, outro ali... De fato eu quero agradecer à sugestão do ilustre governador da Província do Conhecimento, Sir Sapienza, pela maravilhosa sugestão de marketing digital no nosso caso. Através da mídia, com televisão, rádio e internet com e-mail marketing constantes e insistentes e redes sociais, nós conseguimos um ótimo público-alvo. Ele nos deu uma excelente idéia sobre como criar funil de vendas e assim captarmos clientes, automatizando um time de suporte com Chat. Nossa máquina de vendas ficou maravilhosa e o custo de marketing e o custo de vendas ficaram a contento de todos os investidores. Oferecemos grandes ofertas por produtos inéditos e promovemos eventos estupendos através das nossas parcerias. As redes sociais investiram pesado nas estratégias de ‘call to action’ na divulgação dos nossos produtos. Eu acho que marketing digital é ‘a febre do momento’ e deveria, inclusive, ser adotada por todas as províncias do reino. Seria um estouro. É um conhecimento imprescindível para se ter sucesso e conseguir sentir novos prazeres... Ah !...

— Já entendi! Por favor, vamos mudar de assunto antes que eu fique tonto. Wilbert, como nós poderemos conduzir a reunião?

— Se me permite, Majestade! Os governadores têm uma sugestão adequada a cada distrito em especial.

— Pois, então, fale, Sir Mouse Money! Sou ‘todo ouvidos’.

— Eu estava pensando, Majestade, junto com meu assessor aqui em obrigar os servos a realizarem o trabalho dobrado. Jornada dupla, entende? É óbvio, que pelo

mesmo deles salário que já recebem. Está bom demais. Nós poderíamos, é claro, emprestar dinheiro a juros, caso eles precisem, e, logicamente, com um prazo pré-determinado para pagarem. Se acontecer de não saldarem as dívidas, há duas possibilidades. Eles serão vendidos a outro reino ou, então, serão mandados para as galés. O que acha, Majestade?

— Horrendamente engenhoso. Que foi, Wilbert?

— Vossa Majestade quis dizer: ‘tremendamente maravilhoso’, não foi?

— Como queira, Wilbert.

— Eu acho que Sir Empavonado Fame quer falar algo também.

— Poderíamos dar um estímulo, apenas para os escravos que quiserem se libertar, naturalmente, alugando-os para certas empresas que trabalham vinte e quatro horas por dia com moda e shows. Assim, um ‘banho de loja’, inicialmente, vai entretê-los, além do que poderíamos ensinar-lhes certas estratégias um pouco mais agressivas para se conseguir o sucesso. Em outras palavras, aliás, por sugestão do meu assessor Sir Elephant Light, uma ‘pisadinha’ e um ‘empurrãozinho para a esquerda’ não faz mal a ninguém. É só fingir que não se está vendo quem está embaixo nem dos lados. Simplesmente um detalhe de campo visual. O que acha, Majestade?

— Esgotante! Que foi dessa vez, Wilbert?

— Vossa Majestade quis dizer: ‘revigorante’, não é, senhor?

— Pode ser!

— Eu posso falar também?

— Claro, Sir Sapienza!

— Poderíamos colocá-los para fazer falsificação de notas...

— Ei, espere um pouco!

— Não se aflija, Majestade. É um conhecimento e uma técnica bastante desenvolvida e, assim, eles aprendem uma profissão. Gráficas estão dando bastante lucro ultimamente, além do que eles só imprimiriam as notas falsas de outros reinos, usadas no câmbio da fronteira, é claro. O que acha, Majestade?

— Nojento! Ora, Wilbert! O que há com você? Mal de Parkinson?

— Sua Majestade quis dizer que é um grande conhecimento e um excelente empreendimento.

— Eu gostaria de dar a minha opinião, senhores.

— É claro, Sir Monkey. O que tem em mente?

— Um SPA. É lugar de gente bonita, mas fútil, que não tem lugar onde gastar a grana. Assim, os escravos poderiam trabalhar lá e, talvez, se estimularem a viver mais o prazer, e divulgar a idéia. Um trabalho mais light, mas constante, buscando cada dia mais o melhoramento do corpo e a superficialidade da vida. Afinal, nós precisamos de escravos em todas as atividades do reino. Poderia haver, inclusive, um intercâmbio entre os demais reinos, como um fator de aumento dos lucros financeiros, o que não é nada mal. Nós damos o treinamento e eles nos pagam com altas taxas de juros, é óbvio, pela nossa inovação. O know-how é nosso, entende? Aliás, minha assessora tem idéias maravilhosas para engrandecer a técnica. Sedução é uma arte; também tem preço. O que achou, Majestade?

— Doloroso! Já sei, Wilbert! Eu quis dizer: ‘prazeroso’.

— Vossa Majestade não nos falou sobre os seus súditos.

— Deixe-me falar, senhores. Parece que o rei se encontra um pouco esgotado hoje. Eu, Wilbert, o primeiro-ministro, estive pensando na defesa do reino. Há tempos que não fazemos um censo para ver quantos homens de guerra nós temos. Estamos pretendendo montar um exército treinado para combate, com armamento pesado, no caso de algumas invasões. Já está tudo sob o controle dos nossos oficiais. Bom! Acho

que após esses comentários, Vossa Majestade está livre para sancionar o decreto de lei que aprova as sugestões dos governadores, não é mesmo?

— Vetado!

— Sua Majestade quis dizer que já foi votado. Estão liberados para agir, senhores. Reunião encerrada.

— Excelente postura, Majestade! Nós combinamos mais tarde o complemento da ‘lembrecinha’. Que tal mais quinhentos milhões de Leais?

— Eu estou petrificado, Sir Mouse Money.

— Até mais ver.

— Majestade, foi um grande prazer estar na sua ilustre presença hoje; um verdadeiro bálsamo para minha alma cansada de tantas pessoas rudes ao meu redor. Que tal se saíssemos mais tarde, só nós dois para jantar!...

— Quem sabe em outra oportunidade! A rainha está solicitando minha presença urgente hoje. Caso de família, Miss Seduction. Vossa senhoria há de compreender, não é, como as mulheres podem ser incisivas, às vezes... Boa noite.

— Boa noite, Majestade.

2

Ação



Pobres escravos! O que fariam agora? Eles nem sabiam direito o que estava acontecendo. As abelhas pressentiam que viria mais trabalho. Porém, a vida é assim mesmo, não é? Ganhando seu dinheirinho, é o que importa. Era só ter saúde para agüentar a jornada de trabalho e pronto! O barco tocava em frente.

— Posso saber o que vocês abelhas estão conversando?

— Oh! Seja bem-vinda, formiga; você é da classe trabalhadora.

— Ei! Posso participar da reunião?

— Claro, esquilo! Bom, pessoal! Nós estávamos colocando em pauta esse decreto. Não entendemos muito bem ainda o que Sir Mouse Money tem em mente, mas, ao que parece, o trabalho vai dobrar.

— Psiu! Calem-se! Aí vem ele.

— Como vão, escravos? Trabalhando muito? Tenho uma notícia um tanto... embaraçosa... para lhes dar, mas... vocês entendem, não é?... A importância que tem o lucro financeiro para a nossa província... Cá entre nós! É pelo nosso trabalho árduo que conseguimos manter o produto interno bruto do reino, controlar as exportações e importações e, assim, saldar nossa dívida externa. Nós somos verdadeiros heróis. Portanto, as regras vão ser dadas diretamente a cada classe pelos feitores de obras. Qualquer dúvida, fale com eles. Estão perfeitamente habilitados para responder a todas as perguntas.

Ele se foi e eles não tinham mais nada a dizer.

— Ah! Conversa fiada de político. É tudo igual.

— Não sei, não! Agora, parece que a coisa é séria.



O trabalho árduo começou para todos. As abelhas eram cobradas por produtividade. As formigas carregavam mais cargas do que a de costume e os esquilos tinham que se preocupar em repor o estoque de frutas secas para suprir as necessidades dos poderosos.

Afinal, ‘tempo é dinheiro’! Mouse Money estava apenas observando o andamento das coisas, contabilizando os lucros, enquanto seu assessor se encarregava dos empréstimos.



— Por favor, excelência, eu e minha família precisamos desse empréstimo. Já não há mais comida em casa. Além do que, precisamos mudar nossa residência, pois o desmatamento atingiu nosso bairro e não temos mais onde morar...

Pobre, esquilo! O que fazer? Sir A. Rapina parecia inflexível.



— Você sabe. Eu apenas cumpro ordens. Não podemos impedir o progresso da indústria. Quanto precisa de empréstimo?

— Deixe-me ver! Acho que uns trinta mil Leais, para fazer nosso barraco e saldar as outras dívidas.

— Bom! Com todos os cálculos de juros e correção monetária já fixada pelo rei e o prazo de pagamento, diríamos que sua dívida é de cento e oitenta mil Leais para serem pagos no prazo de um mês sem nenhum dia a mais de concessão, sob pena de confisco de bens e ser enviado às galés, você e toda a família. Dispensado!

E agora? O que fazer? O pequeno esquilo trabalhava duro, cada dia mais, mas não conseguia ver resultado quanto a pagar a dívida. Chegou o dia fatal. Ele foi enviado às galés. Como havia um atenuante em sua causa por ser réu primário, poderia ser solto após um mês de pena. Entretanto, não lhe seria devolvido nada do que perdera. Caso

quisesse indenização por danos morais, era só recorrer a Sir A. Rapina, dando-lhe uma bonificação no valor dobrado do seu empréstimo e o caso seria rapidamente agilizado. Ele precisava pensar melhor sobre o assunto.



Na Província da Fama parecia estar tudo bem. O único problema era a qualidade de mão de obra barata com a qual Sir Empavonado Fame tinha que lidar. Ele pensava:

“Como vou fazer disso aí alguma coisa produtiva, de sucesso? Olhe só para eles! Só se preocupam em ciscar, comer o pior possível e nadar de um lado para o outro, solitariamente, neste aquário. Oh! Céus! Nenhum brilho nas penas ou nas escamas. Como colocá-los nas redes sociais? Eles precisam de um perfil adequado”.



Ele veio com toda a pompa para falar com as galinhas, com os pintinhos e com o solitário peixinho. Teria que usar de muita psicologia. Caso ela falhasse, seu assessor, Sir Elephant Light daria uma solução mais prática e rápida. Afinal, a Província da Fama estava intimamente ligada às demais, em especial à do Dinheiro, pelo parentesco entre as famílias nobres.

— Bom dia, gente boa.

— Bom dia, excelência.

— Já sabem qual a nova direção de trabalho que temos? Contratamos uma empresa especializada em shows para patrocinar o desenvolvimento da carreira profissional de vocês. Não é possível viver assim no anonimato. Teremos aulas de dança e canto, oratória, teatro, maquiagem, moda e tudo o que vocês precisam para se tornar um superstar. Que acham? Se vocês se saírem bem, podemos lhes dar também algumas dicas importantes sobre como lidar com o empresariado, entendem? É só uma questão de determinação. Quem é mais forte vence. Não se pode ser muito melindroso nesta área, vocês sabem. É uma questão de sobrevivência. Meu assessor, Sir Elephant Light tem um jeitinho especial para lidar neste ramo, mais do que qualquer diploma possa conquistar.

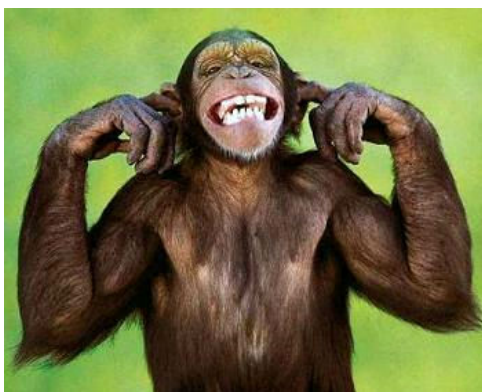
Ele falou, falou, falou por horas a fio e os convenceu que a melhor coisa que poderia lhes acontecer era se tornarem pessoas famosas. Todas as portas se abririam para eles. O tempo passou e eles se transformaram. Todavia, não gostaram.



Na Província do Conhecimento as coisas não pareciam estar melhores em relação à da Fama. A qualidade dos servos era catastrófica. Mal sabiam as primeiras letras do alfabeto. E a mente, então! Era pior do que a de uma galinha. Eles se contentavam com o que tinham e com o que sabiam, perseverando na mediocridade, pois era duro demais ter que estudar e aprender. Quanto mais adquirir uma profissão de sucesso! Parecia caso perdido. Entretanto, para Sir Sapienza e seus dois assessores, Sirs Astute e Sagaz, não havia um desafio rejeitado. A coruja começou o discurso usando as palavras mais adequadas para tocar o raciocínio dos pobres servos à sua frente. Seus assessores eram ótimos para usar a técnica correta. Em algum tempo, eles conseguiram entender que era necessário se desenvolver profissionalmente. Compreenderam o que era uma gráfica e o que eram todos aqueles maquinários usados ali. As explicações eram convincentes. Eles ouviram, estudaram, se aperfeiçoaram e começaram o trabalho.



Eles achavam um pouco estranho uma gráfica imprimir notas de dinheiro. Não eram Leais; o que seriam? Mas, apesar de tudo, o trabalho ali parecia ser bem mais promissor do que o trabalho que faziam anteriormente. Eles trabalhavam, os poderosos ficavam contentes e tudo estava bem.



Lá vinham eles, sempre alegres, com um sorriso de felicidade e prazer estampado no rosto. Como era bom viver a vida assim, sem dores ou problemas; estar ao lado de gente bonita e elegante, de bem com a vida!

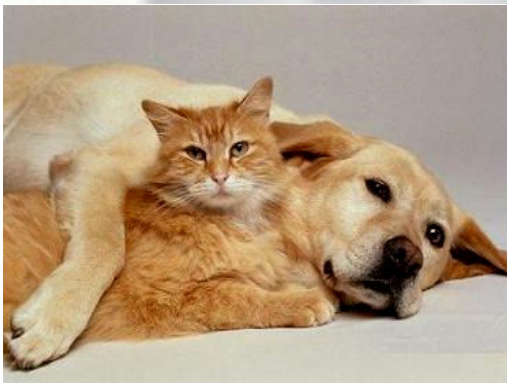
— Bem, meus queridos! Chega de dores e trabalho duro. Agora, tudo é prazer. Vamos levá-los a um centro de treinamento de felicidade para que possam, mais tarde, ser enviados a outros reinos. Ah! Que alegria estar ao lado de gente tão carinhosa e amistosa! Não é mesmo, Sir Monkey Pleasure?

— Isso mesmo, queridos, sorriam. Miss Seduction dará todas as instruções necessárias.

— Venham, venham... Vocês vão saber o que é comer nos melhores restaurantes, jogar uma partida de xadrez com os amigos, banheira de hidromassagem e duchas especiais, além de curtirem boas amizades após uma noite degustando excelentes comidas exóticas e aprenderem a praticar esportes radicais. Vocês poderão compartilhar suas melhores fotos nas redes sociais e ensinar pessoas a serem felizes e bem-sucedidas como vocês. É muito importante uma boa posição no ranking. Especialistas em SEO marketing lhes ajudarão nisso. O perfil de vocês precisam ter palavras-chave bastante competitivas. Venham, venham...

Eles foram, cumprindo à risca, sem saberem, o plano traçado pelos poderosos. Realmente, eles estavam buscando cada dia mais o melhoramento do corpo e a superficialidade da vida. Eram necessários escravos em todas as atividades do reino.

Começou a haver um intercâmbio entre os demais reinos como um fator de aumento dos lucros financeiros. A Província do Prazer dava o treinamento e os outros povos os pagavam com altas taxas de juros pela grande inovação. O know-how era deles, afinal.



Eles estavam muito felizes com o que faziam; até marketing digital aprenderam. Parecia tudo tão gratificante. Só que a vida de prazer começou a cansar, trazer certo tédio e rotina. Faltava algo, mas não sabiam o que era. Era melhor deixar o barco correr.



Apesar das aparentes conquistas, o rei voltou a se sentir deprimido. Wilbert não entendia essa reação da realeza; afinal, não estava correndo tudo como fora planejado? Os servos, embora não mostrassem prazer na sua nova atividade, estavam alistados nas forças armadas e sendo treinados para combates. Estavam ganhando o seu salário. Então, o que tinham a se queixar da vida? O que mais incomodava os oficiais superiores era aquela pomba néscia reclamando e murmurando o dia inteiro nas suas orelhas. Bom! Cumprindo o regulamento, ela que reclamasse o quanto quisesse.



3

Hora da verdade



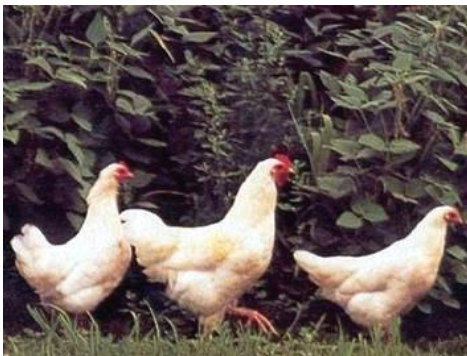
As férias chegaram e todos voltaram para casa para rever os parentes e amigos.

O esquilo voltou das galés, mas algo dentro dele se recusou a usar de suborno; por isso, se arranhou como pôde na casa de alguns parentes até a vida normalizar de novo. Quando terminaria aquela escravidão?

Os outros também estavam sentindo, assim como ele, uma inquietação interior mostrando que, apesar do aparente sucesso, a vida continuava sem sentido e as escolhas não haviam sido muito boas.

Resolveram se reunir no campo como faziam antigamente, quando eram meros escravos braçais. Ainda bem que os poderosos estavam ocupados nas suas províncias!







O esquilo resolveu começar o diálogo:

— Companheiros! Eu não sei o que vocês pensam a respeito de tudo o que nos aconteceu, mas gostaria de uma conversa bem franca, pois eu mesmo me sinto muito mal com essa situação.

— Nós, formigas, ficamos tremendamente tristes com o seu destino. Achamos uma arbitrariedade, um verdadeiro abuso de poder.

— E nós, abelhas, choramos de tristeza pela falta de compaixão com que os poderosos tratam todos os escravos do reino. Na verdade, chegamos a uma triste conclusão: eles fazem tudo por dinheiro. Nós fomos enganados. Pensamos que teríamos alguma vantagem, mas foi um grande erro.

— Isso mesmo! Dinheiro não compra felicidade, nem saúde, paz, alegria e bom relacionamento familiar. Meu casamento quase foi por água abaixo. Minha mulher

achou que fomos para as galés por negligência minha, mas quando conheceu Sir A. Rapina pessoalmente, viu a verdade de perto.

— Nós, ovelhas, somos da paz. Imaginem só, sermos mandadas para treinamento militar! A Dona Pomba não agüentou muito tempo o stress emocional e murmurava constantemente. Quase teve um colapso nervoso. Por que estão tão pensativos, Dona toupeira e Sr. asno?

— Acho que pior do que treinamento militar é treinamento para falsificador. Por pouco, escapamos do cárcere.

— É! Não fosse por intervenção pessoal de Sir Sapienza, que fez um acordo com os juízes, não estaríamos aqui neste momento.

— Dona toupeira tem razão. Agora, eu entendo que não dá mais para continuar burro, sem instrução; é um passo bem curto para a manipulação e para a escravidão pelos poderosos. A partir de agora que sei ler, vou me informar mais sobre o que acontece no reino.

— Que tal a fama, Dona galinha?

— Péssima experiência! Nós só sabíamos cacarejar; agora, cantamos como rouxinóis. Nossos filhos chegaram a ter uma banda de rock excelente, mas infelizmente, trouxe alguns problemas por causa dos viciados que freqüentavam os bares. Não querem mais saber de câmeras nem de microfones. Pobre Sr. peixe! Quiseram colocá-lo num aquário bem maior, cheio de estrelas de cinema, mas ele quase morreu. Era um aquário marinho, mas ele é peixe de água doce. Foi direto para a emergência do hospital. Por pouco não morreu por problemas renais.

— É por isso que ele está tão calado lá no fundo do aquário? Parece ter sofrido um grande trauma. Sr. Peixe! Pode nos ouvir? Pode sair de detrás das plantas só por um instante? Por favor...

— Desculpem-me, mas não me sinto em condições psicológicas para falar muito. Quero apenas dizer que a fama não compensa. É uma máquina que suga a vida e a identidade das pessoas. Gente! Acho que todos nós aqui experimentamos coisas muito fúteis. Perdemos o sentido real da vida. Não sei quanto a vocês, porém, sinto um vazio interior muito grande que não sei como preencher. Às vezes, penso em partir para o além.

— Ai! Que conversa deprê! Nós vivemos uma carreira de bastante prazer com Miss Seduction e Sir. Monkey Pleasure e demos ótimas risadas, mas... tenho que concordar, em parte, com o depoimento do Sr. peixe. Nós, felinos e caninos, que fomos tão bem treinados em prazer nesses últimos meses, também sentimos um grande vazio interior. Só não chegamos ao ponto de desejar morrer.



— Ei, vejam! O que é aquilo?

— Você sabe que nunca olhei para o céu com muita atenção?! Nós, galinhas, só voamos tão baixo que jamais pensamos ter alguém que alcance tais alturas.

— O objeto voador não identificado vem voando em nossa direção. E agora?! Quem vai falar com ele?



— Bom dia, irmãos! O que estão olhando? Nunca viram uma águia? E por que se calaram de repente? Eu ouvi o que estavam dizendo. Sei como se sentem. Mas tenho uma solução definitiva para os seus problemas, sabem?

— E qual é?

— A busca da espiritualidade.

— Da espiritu... o quê?

— Da espiritualidade, ou seja, do conhecimento que vai além do material ao qual vocês estão acostumados.

— Explique-se melhor.

— Deixe-me começar pelo mais simples. Quando se está aqui embaixo, tem-se uma visão limitada do que está em volta. Porém, quando se sobe às alturas, consegue-se ver todo o panorama. Dá para entender?

— Mas ovelhas, asnos e peixes não podem voar. Como se faz para ter essa visão, então?

— Seus corpos podem ser pesados para voar, mas seus espíritos são leves o bastante para subir e ver lá do alto.

— Xiiii! Não gosto desse negócio de espíritos... vamos deixar a conversa para outro dia?

— Não! Esta é a hora da verdade!

— Quem é você, realmente, e o que veio nos ensinar?

— Eu sou uma águia, uma ave que simboliza a espiritualidade, a renovação, a majestade, a capacidade de ver longe e ser livre. Eu sou um profeta e fui enviado a vocês para lhes contar um segredo que vai libertá-los dessa escravidão.

— E quem o enviou? Ele sabe que estamos no reino de poderosos?

— Eu o conheço e sei que Ele é mais poderoso do que todos esses poderosos aqui de baixo. Ele é quem criou todos nós. Seja bendito o Seu nome de eternidade a eternidade, porque dEle é a sabedoria e o poder; é Ele quem muda o tempo e as estações, remove reis e estabelece reis; Ele dá sabedoria aos sábios e entendimento aos

inteligentes. Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas e, com Ele mora a luz. Ele é o verdadeiro Rei.

— E o que fazemos para conhecê-lo?

— Primeiro, vou deixar este livro com vocês. Agora que sabem ler e escrever, podem compreender o que estou dizendo.



A águia continuou:

— Para entender o verdadeiro sentido da vida, o que vocês vêm buscando, é preciso experimentar uma renovação interior como eu experimentei. Em outras palavras, deixar as coisas da terra e desejar falar com o Criador.

— Que processo é esse que você passou?

— É o que podemos chamar de renovação espiritual. Vocês não sabem o que acontece com a minha espécie após atingirmos quarenta anos de idade? A águia é a ave que possui maior longevidade, chegando a viver setenta anos. Entretanto, por volta dos quarenta anos, se quiser continuar a viver, precisa passar por um processo de renovação. Ela começa a sentir que suas penas estão ficando velhas, que seu bico já não está tão afiado e forte quanto antes, que suas garras já estão enfraquecendo e, então, decide tomar uma atitude drástica. Esse processo tem início com a interrupção das suas atividades rotineiras como seus vôos, sua caça e suas aventuras. Então, voa alto até os penhascos. Ali, sozinha e isolada, ela começa, por si mesma, o trabalho de renovação, traumático, e que exige muita coragem, mas que, por fim, vai lhe dar de volta a força e a grandeza que pareciam estar perdidas. A águia começa a arrancar com o bico as suas penas, uma por uma, até que esteja inteiramente depenada e desfigurada. Depois disso, percebendo seu bico fraco, impotente e cheio de crostas, ela o esfrega fortemente na rocha deixando-o 'em carne viva'. Por último, são as garras; ela faz o mesmo processo que fez com o bico, batendo suas unhas com violência sobre a rocha várias vezes até que aquela camada envelhecida e calosa seja arrancada e fique, igualmente, em 'carne viva'. Todavia, após esse processo de autoflagelação começam a nascer penas novas, bonitas e brilhantes. Um bico novo cresce. As garras começam a brotar com todo vigor e ela fica completamente renovada e revitalizada. Ela ganha uma nova aparência e desce das alturas para dar continuidade à sua existência. A águia simboliza quem conseguiu descobrir o segredo maior da vida e passou pelo processo de renovação interior, superando o 'eu' e conseguindo, finalmente, se ver livre dos jugos e fardos carnis que impedem alguém de atingir a verdadeira espiritualidade e comunhão com Deus. Ela não

deixa de ter sua vida normal como qualquer animal, pois vive da caça, porém, sabe ‘subir’ quando é necessário, para ficar acima das coisas pequenas.

— Impressionante. Isso quer dizer uma entrega total em Suas mãos, não é? Agora estou entendendo.

— O que Ele nos manda dizer neste livro?

— Vamos começar por aqui: *O convite da graça*: “Vinde, pois, e arrazoemos, diz o Senhor; ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã. Se quiserdes e me ouvirdes, comereis o melhor desta terra. Mas, se recusardes e fordes rebeldes, sereis devorados à espada; porque a boca do Senhor o disse”.

— Pecados têm cor? E podem ser limpos e branqueados?

— Sim. É pedindo perdão e entregando a vida a Ele que tudo muda e não mais serão escravos dos poderosos. Ele passa a ser o seu Senhor. É aí que o espírito de vocês começa a voar pelos caminhos da espiritualidade verdadeira até atingir as alturas, como o meu vôo.

— Acho que precisamos ler mais este livro.

— Isso mesmo! Enquanto vocês o lêem, eu vou cumprir minha missão junto aos poderosos.

A águia alçou vôo; tinha algo importante a fazer junto aos grandes.

4

Alerta vermelho





— Aaaahhhh! Que sono! Que tédio! Wilbert, venha cá!

— Sim, Majestade! Em que posso servi-lo?

— Talvez você possa mudar de cor para me alegrar um pouco. Estou me sentindo entediado por não ter o que fazer. Não há nada de novo que possamos fazer no reino? Os escravos já voltaram para as férias?

— Será que Vossa Majestade não está precisando de um antidepressivo? Está muito cabisbaixo ultimamente. A rainha está sabendo disso?

— Ela está brava comigo por ter tomado aquelas medidas tão impopulares. Ela disse que tudo isso vai acabar mal. Praga de esposa pega, Wilbert.

— Bobagem! A propósito, majestade! O que fez com os quinhentos milhões de Leais que recebeu de Sir Mouse Money? E os quinhentos extras que recebeu após a reunião? Talvez seja uma boa hora de usá-los para se divertir e sair desta depressão.

— Está de olho no meu dinheiro, Wilbert. Ele está guardado em lugar bem seguro, longe de predadores. O que é aquilo ali na janela?

— Me parece uma ave de rapina, Milord.

— E o que uma ave de rapina faz com um rolo de papiro no bico?

— Parece querer que o leiamos.

— Olhe! Ela o deixou cair no chão. Corra até lá e veja do que se trata, Wilbert. Ei, ei! Por que está ficando vermelho? O que está acontecendo? O que está escrito aí que o deixou sem respirar?



— Não estou me sentindo muito bem, Majestade; acho que vou desmaiar.

— Bobagem! Traga o papel. Deixe-me lê-lo: “Como se fez prostituta a cidade fiel! Ela, que estava cheia de justiça! Nela, habitava a retidão, mas, agora, homicidas. A tua prata se tornou em escórias, o teu licor se misturou com água. Os teus príncipes são rebeldes e companheiros de ladrões; cada um deles ama o suborno e corre atrás de recompensas. Não defendem o direito do órfão, e não chega perante eles a causa das viúvas. Portanto, diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos, o Poderoso de Israel: Ah! Tomarei satisfações aos meus adversários e vingarei-me dos meus inimigos. Voltarei contra ti a minha mão, purificar-te-ei como com a potassa das tuas escórias e tirarei de ti todo metal impuro. Restituir-te-ei os teus juízes, como eram antigamente, os teus conselheiros, como no princípio; depois, te chamarão cidade de justiça, cidade fiel. Sião será redimida pelo direito, e os que se arrependem, pela justiça. Mas os transgressores e os pecadores serão juntamente destruídos; e os que deixarem o Senhor perecerão. Porque vos envergonhareis dos carvalhos que cobiçastes e sereis confundidos por causa dos jardins que escolhestes. Porque sereis como o carvalho, cujas folhas murcham, e como a floresta que não tem água. O forte se tornará em estopa, e a sua obra, em fálscas; ambos arderão juntamente, e não haverá quem os apague”. Wilbert, você ainda está respirando? Você sabe quem mandou isso?

— Vossa Majestade quer que eu chame um médico? Acho que vamos passar mal se não tomarmos uma providência. Sim, Majestade, eu sei quem mandou esse alerta. É o Todo-Poderoso.

— Wilbert, corra. Chame imediatamente os governadores das províncias. Alerta vermelho, alerta vermelho!



Eles vieram o mais rápido que puderam, pois conheciam a urgência da situação. Todos falavam ao mesmo tempo de tanta ansiedade.

— Falem um de cada vez, eu ordeno.

— Majestade! O aviso é sério, mas o que podemos fazer para voltar atrás nas nossas decisões? O que está feito, está feito.

— Eu penso de outra forma. Nós podemos negociar. Sempre há um jeitinho para tudo, não acham? Nada como o charme de uma dama para mudar o rumo das decisões...

— Ore, cale a boca, Miss Seduction! Vocês estão sabendo, de verdade, quem mandou o alerta? Com o Todo-Poderoso não há negociação nem suborno. Ou nós mudamos o rumo e entregamos nossos cargos ou seremos punidos.



— Eu não tenho vontade de deixar o palácio do governo. A Província do Dinheiro tem gostado bastante da minha gestão, a não ser por esses servos que se rebelaram. Nada como a prosperidade!

— Eu também acho que não deveríamos ficar preocupados. Ainda temos muitos do nosso lado. Eu concordo com Sir Mouse Money.

— Na Província do Conhecimento, nossos príncipes e nobres, com certeza, não estão dispostos a abandonar nenhum dos seus tesouros; afinal, a sabedoria e o conhecimento que temos são tesouros conquistados e, como disse Sir Empavonado Fame, muitos ainda estão do nosso lado e sendo beneficiados por eles. Também não desejo resignar o meu posto.

— É tão bom viver uma vida de prazer não acham? Eu estou cansado dessa discussão toda; afinal, o rei é que deveria tomar a decisão sozinho. Autoridade é para essas coisas. Vamos tomar um pouco de sol, querida?

— Seus irresponsáveis! Estão dificultando a vida de todos nós desse jeito.

— O que há com Vossa Majestade? Perdeu o poder?

— Ele está apenas um pouco assustado, não é, Milord?
— Wilbert, a águia está voltando e junto com ela há uma nuvem de fogo e fumaça. Vejam!



Eles viram o meteoro caindo e começaram a levar a sério as palavras do Todo-Poderoso. Não tinham para onde fugir ou se esconder, pois a sentença já havia sido determinada. Em pouco tempo, o fogo consumiu os poderosos.



Os servos observavam de longe. Eles já tinham tomado a sua decisão. Agora, eles sabiam quem era o seu verdadeiro Senhor: o Todo-Poderoso. O trono do reino estava destruído pelo fogo. Porém, no coração deles, havia um trono que seria sempre ocupado por Ele. A fumaça se dissipou aos poucos, deixando apenas as cinzas do juízo. Eles olharam para o céu. Então, ouviram:

— “Santo, Santo, Santo, é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da Sua glória. Santo, Santo, Santo é o Senhor dos Exércitos, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir. Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra e o poder, porque todas as coisas tu criaste, sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas. Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor. Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!”



**“Venho sem demora,
Conserva o que tens para
que ninguém roube a tua coroa”**